O CONCEITO DE LIBERDADE NO ESTOICISMO DE EPICTETO

MATHEUS FELIPE DE OLIVEIRA NUNES

RESUMO
O tema da liberdade perpassa toda a história da filosofia, dos antigos aos contemporâneos. Pretendo mostrar como esse tema tão importante se dá em um importante filósofo estoico: Epicteto, e como, na filosofia estoica, esse tema está ligado à física e ao viver conforme a physis. Deste modo, veremos que a liberdade na filosofia estóica e, em especial, em Epicteto refere-se à distinção entre coisas que estão sob nosso controle e coisas que não estão sob controle. Assim, uma vida que tem como foco a racionalidade e o Logos é uma vida virtuosa, na qual as paixões são extirpadas pelo sábio. Ser livre, portanto, é saber que há coisas que não estão sob nosso controle e que desejar essas coisas ou busca-las é deixar de ser livre e optar por tornar-se escravo das paixões.
Palavras-chave: Estoicismo; Epicteto; Liberdade; Physis; Logos

ABSTRACT
The theme of freedom runs through the entire history of philosophy, from ancient to contemporary. I intend to show how this very important theme occurs in an important Stoic philosopher: Epictetus, and how, in Stoicism, this theme is linked to physics and to living according to physis. In this way, we will see that freedom in Stoic philosophy and, in particular, in Epictetus refers to the distinction between things that are under our control and things that are not under control. Thus, a life that focuses on rationality and the Logos is a virtuous life, in which passions are extirpated by the wise. Being free, therefore, is knowing that there are things that are not under our control and that to desire these things or seek them is to stop being free and choose to become a slave to passions.

Keywords: Stoicism; Epicteto; Freedom; Physis; Logos

INTRODUÇÃO

A discussão filosófica e os problemas levantados a respeito da liberdade, são problemas abordados durante toda a história da filosofia. Nesse artigo, pretendo discutir o conceito de liberdade em um filósofo de uma das escolas filosóficas mais importantes da antiguidade: o estoicismo. Mais propriamente em um filósofo em particular: Epicteto.

O estoicismo teve seu início na Antiguidade, por volta do século III a.c, na Grécia. Nesse período, os principais filósofos do estoicismo foram Zenão de Cítio, Crísipos, Cleantes, Panecio, Posidônio. Por volta do século I d.c, em Roma, alguns filósofos resgatam o pensamento do estoicismo grego, e formaram o que depois se chamou de estoicismo imperial.

Epicteto foi um filósofo estoico, que fez parte do chamado estoicismo romano, também chamado por alguns de estoicismo imperial, representando junto com Sêneca, o imperador Marco Aurélio e Mussônio Rufo, a última fase do estoicismo na Antiguidade.

O estoicismo foi uma corrente helenística, que assim como as outras escolas desse período, se caracterizou por uma busca da ataraxia ou imperturbabilidade da alma e da felicidade. Mas, há uma divergência entre essas escolas sobre qual seria a melhor maneira de alcançar essa imperturbabilidade. Os estoicos identificam essa vida feliz com a busca das virtudes, como veremos neste artigo.

Os estoicos dividiram a filosofia em três partes: física ou ciência da natureza, lógica e ética ou ciência do que deve ser buscado e do que deve ser evitado, essa divisão também foi seguida por Epicuro e seus discípulos.

Alguns estudiosos acreditam que essa divisão é até mesmo anterior aos estoicos e que teria começado na Academia de Platão. A ética será nosso foco neste artigo, mas isso não significa que uma dessas partes pode ser pensada sem as outras já que estão em íntima conexão, como veremos.

Quando falamos da ética estoica e da busca pela ataraxia, lembramo-nos do seu racionalismo e de seu rigorismo moral, mas será que isso procede? E qual a relação disso com o conceito de liberdade?

O ESTOICISMO DE EPICTETO

O estoicismo de Epicteto é uma filosofia que transcende o tempo, oferecendo orientações

profundamente relevantes para a vida moderna. Epicteto, um antigo filósofo estoico que viveu entre 55 d.C. e 135 d.C., começou sua vida como escravo e enfrentou diversas adversidades. No entanto, ele se tornou um dos pensadores mais influentes da antiguidade, conhecido por suas ideias práticas e transformadoras sobre felicidade, liberdade e a arte de viver bem.

Central na filosofia de Epicteto está a dicotomia do controle, um conceito que enfatiza a importância de discernir claramente o que podemos e o que não podemos controlar. Ele argumenta que nossa verdadeira liberdade reside no controle sobre nossos pensamentos, ações e reações, não nos eventos externos ou no comportamento dos outros. Essa perspectiva permite que cultivemos uma liberdade interior, essencial para alcançar a felicidade genuína.

Um dos princípios fundamentais de Epicteto é a aceitação da realidade. Em vez de resistir às circunstâncias inevitáveis da vida, ele sugere que devemos abraçá-las como oportunidades para crescimento pessoal e aprendizado. Essa aceitação nos capacita a enfrentar adversidades com serenidade e sabedoria, em vez de nos deixarmos levar pelo sofrimento.

Epicteto também destaca o poder da vontade humana na escolha de como reagimos às situações. Embora não possamos controlar o que acontece à nossa volta, podemos controlar nossas respostas, utilizando nossa razão para agir de maneira ética e virtuosa. Isso inclui cultivar qualidades como coragem, justiça, temperança e sabedoria, essenciais para uma vida plena e virtuosa.

Um conceito especialmente marcante é o "Amor Fati", que nos incentiva a amar nosso destino, independentemente das circunstâncias. Não se trata de resignação passiva, mas sim de encontrar propósito e significado em todas as experiências da vida, transformando desafios em oportunidades de crescimento pessoal.

Na vida moderna, os ensinamentos de Epicteto têm aplicações práticas significativas. Eles nos ajudam a gerenciar nossas emoções, tomar decisões éticas, superar adversidades e cultivar relacionamentos saudáveis. Essa filosofia oferece um guia para promover o bem-estar mental, a resiliência emocional e a construção de uma vida plena e significativa.

Em resumo, o estoicismo de Epicteto continua a ser uma filosofia atemporal que nos convida a cultivar virtude, aceitar a realidade, fortalecer nossa vontade e encontrar significado em todas as nossas experiências. Ao fazê-lo, podemos alcançar a liberdade interior, a felicidade autêntica e a capacidade de viver bem, mesmo diante dos desafios do mundo moderno.

Embora o estoicismo privilegie a busca pela liberdade interior, não promove o isolamento social. Ao contrário, enfatiza o cumprimento do dever cívico e a contribuição para o bem comum. Epicteto, por exemplo, destacava a responsabilidade dos seres humanos racionais em participar ativamente da comunidade e promover a justiça e a ordem social.

Para os estoicos, é crucial aceitar nosso papel na sociedade, independentemente de nossa posição. Mesmo Epicteto, que viveu como escravo por um período, enfatizava a importância de agir com virtude e integridade em todas as circunstâncias sociais.

Além disso, a filosofia estoica adotava o conceito de "Cosmopolis" — a ideia de uma comunidade global na qual todos os seres humanos são membros. Isso promovia valores como tolerância, compaixão e solidariedade entre diferentes grupos sociais.

No entanto, os estoicos também reconheciam os limites de nossa influência na sociedade. Eventos políticos e injustiças sociais são inevitáveis e podem escapar ao nosso controle. Diante disso, a filosofia estoica sugere a aceitação serena da realidade e o cultivo da resiliência para enfrentar essas situações adversas.

Atualmente, os ensinamentos estoicos sobre dever cívico e liberdade social continuam relevantes. Eles encorajam a participação política consciente, a defesa da justiça social e a construção de uma sociedade mais equitativa. Ao mesmo tempo, oferecem orientações para lidar com as frustrações e desafios inevitáveis da vida pública com sabedoria e tranquilidade.

Em resumo, o estoicismo de Epicteto não apenas valoriza a liberdade interior, mas também enfatiza a importância de contribuir ativamente para o progresso social. Esse equilíbrio entre desenvolvimento pessoal e engajamento cívico pode conduzir a uma vida plena e significativa, beneficiando não apenas o indivíduo, mas também a comunidade como um todo.

O CONCEITO DE LOGOS E SUA LIGAÇÃO COM A NOÇÃO DE LIBERDADE NO ESTOICISMO

Para iniciarmos a resposta, começamos com uma citação do próprio Epicteto:

"É livre aquele que vive como quer, que não se pode nem restringir nem impedir nem forçar, cujas vontades são sem obstáculos, cujos desejos alcançam seus objetivos, cujas aversões não encontram o objeto desejado" (EPITETO, Encheiridion)

O viver como se quer, sem restrição e a vontade sem obstáculos que fala o filósofo, pressupõe uma outra coisa, que vamos explicar.
Epicteto é conhecido principalmente pela distinção entre as coisas que dependem de nós ou que estão debaixo do nosso poder (o pensamento, o impulso, etc.) e aquelas que não dependem de nós ou que não estão debaixo do nosso poder (a reputação, o cargo, a propriedade, etc).
Essas últimas dependem de outros fatores além da nossa própria vontade, e portanto, não devem representar nada para nós, por isso, nossa vontade deve ser direcionada apenas às coisas que dependem de nós.
Em outras palavras, devemos harmonizar nossa vontade com a natureza. Segundo a doutrina estoica, o homem deve viver de acordo com a natureza, ou seja, o homem, como ser racional, deve fazer compatibilizar a sua vontade individual com a ordem universal, o logos. Veremos como isso é possível.
Ora, o que é então a liberdade? Para começarmos nossa exposição, é necessário que comentemos brevemente a física dos estoicos, já que a física e a ética tem uma relação importante.
A resposta de um filósofo como Epicteto ou até mesmo de um estoico antigo seria na seguinte direção: há uma ordenação racional no cosmos, tudo está ligado e conectado, e tudo é administrado por uma lei cósmica. Tudo que existe, é ordenado por um princípio racional. Esse princípio racional é Deus (imanente à natureza) que está em tudo.

"De acordo com os estoicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade – a matéria; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus." (Diogenes Laercio, 2008, p. 212).

Na doutrina estoica, tudo é corpo, e Deus ou "o Logos" é o princípio ativo e vivificador do cosmos e os homens individuais são partes desse Todo.
Os estoicos chamam de destino essa ligação entre as causas, ou seja, esse encadeamento cósmico. Uma observação: destino aqui é entendido como essa força cósmica que dá ao homem esse agir livre que é de sua própria natureza, já que só o homem é racional.
Uma observação: o destino não é entendido aqui como algo que já está pré-determinado. Aliás, se assim fosse, não seria possível falar de uma concepção de liberdade nesses filósofos, já que seria um tipo de doutrina fatalista, que defenderia que os fatos estão determinados e o homem teria seu livre arbítrio anulado, e não seria possível o homem escolher viver de acordo com o logos.
O sábio deve se integrar a essa harmonia universal voluntariamente. Quanto mais a nossa razão individual está em consonância com a razão universal, mais felizes somos, e é nisso que consiste a liberdade. Os indivíduos devem agir de acordo com a natureza, ou seja, virtuosamente, se quiserem alcançar a felicidade.
O sábio deve ter domínio de si mesmo, não deixando que as coisas externas perturbem sua alma. Só é livre aquele que age conforme sua natureza, seguindo seu destino.
Aquele que age de maneira contrária à sua natureza, se deixando levar pelas paixões e buscando coisas que não dependem de sua vontade é um insensato e estará sempre com a alma perturbada.

A RELAÇÃO ENTRE A VIDA VIRTUOSA, ONDE AS PAIXÕES DEVEM SER EXTIRPADAS E A LIBERDADE

De acordo com os estoicos, as paixões são irracionais, mas não surgem de uma parte irracional da alma, mas sim, de juízos errados que a alma faz. Por exemplo: um homem que pense que o prazer é algo absolutamente bom e o fim segundo o qual o homem deve dirigir suas ações, forma assim uma paixão (pathos), sendo assim, um insensato. O único bem é a virtude, o único mal é o vício, e não é possível uma vida virtuosa sem que as paixões sejam aniquiladas da vida.
No aspecto mencionado acima, notamos a importância que a teoria do conhecimento

(apesar desse nome ser bem posterior aos estóicos e a Epicteto) tem para a ética, e como a separação da filosofia em três partes não é uma separação onde uma das partes não se comunica com a outra, mas sim, uma separação onde cada uma das partes tem não só ligação umas com as outras, mas com o todo: uma parte é inconcebível sem as outras e não pode ser pensada isoladamente.
Os animais não formam juízos, mas vivem apenas de acordo com os impulsos e desejos: não tem a racionalidade e a vontade, apenas seguem os instintos, e essa é a natureza própria deles, enquanto os homens têm o logos e podem formar juízos.
O insensato vive de acordo com os impulsos excessivos, também chamados das paixões, que segundo os estoicos, são irracionais, e até mesmo, erros da razão. E ainda, podemos dizer, que o insensato é aquele que, ao invés de se conformar com as coisas como elas são, busca coisas que não dependem de si próprio, e acaba se tornando um escravo dos desejos, das paixões.
Os nossos juízos estão sob nosso poder, e as paixões são juízos errados, decorrem de nossa ignorância (estão no plano da doxa), portanto, podem ser evitadas, já que estão sob nosso domínio.
Cada homem tem uma escolha a fazer: ser virtuoso ou não ser. Todos temos a racionalidade dada pela natureza, e com ela, podemos escolher extirpar os vícios e as paixões usando racionalmente a vontade, ou seja, aceitando o destino que lhe é próprio e agindo de acordo com sua natureza, vivendo uma vida virtuosa e aceitando com impassibilidade, apatia e indiferença os acontecimentos, alcançando a ataraxia, e assim, conquistando a felicidade.
Epicteto é bem claro: só devo pensar em bem e mal numa ação que depende de mim.

(...) "Do mesmo modo, se quiseres que o servo não cometa faltas, és insensato, pois queres que o vício não seja o vício, mas outra coisa (...) O senhor de cada um é quem possui o poder de conservar ou afastar as coisas desejadas ou não desejadas por cada um. Então, quem quer que deseje ser livre, nem queira, nem evite o que dependa dos outros. Senão, necessariamente será escravo" (Epicteto, 2012, p. 25)

A lição de Epicteto é a seguinte: Aquilo que não depende de nós, não devemos nos preocupar, e apenas, relegar isso à ordem natural. Segundo Epicteto, o julgamento dos homens sobre os eventos os perturbam mais que os eventos em si mesmos: um homem que chora pela morte da filha ou da esposa, chora mais por ter esperado em algum momento que aquilo não acontecesse do que pela própria morte em si.
Se ao invés disso, o homem aceitasse impassivelmente o acontecimento, sem esperar nada (já que é algo que não depende dele), não passaria por tamanho sofrimento.

"Se quiseres que teu filho, tua mulher e teus amigos vivam para sempre, és tolo, pois queres que as coisas que não são teus encargos sejam encargos teus; como também que as coisas de outrem sejam tuas. Do mesmo modo, se quiseres que o servo não cometa faltas, és insensato, pois queres que o vício não seja o vício, mas outra coisa. Mas se quiseres não falhar em seus desejos, isso tu podes. Então exercita o que tu podes" (Ibid)

O sábio, na visão dos estóicos, é aquele que voluntariamente age de acordo com a harmonia universal do logos, com a racionalidade do cosmos. Por isso que os estoicos não se diziam cidadãos da polis, mas sim do cosmos (esse é o famoso cosmopolitismo estóico): todos somos "centelhas divinas", cidadãos desses mesmos cosmos ordenado e racional, e não de um território específico ou de uma polis em particular.
Se faço uso reto da minha vontade, ou seja, se ajo em consonância com o logos, sou livre, pois escolho apenas aquilo que depende de mim, e estabeleço comigo mesmo uma relação auto-pertencimento, e assim, harmonizo minha vontade individual com a racionalidade do mundo, me desprendendo dos falsos juízos e vivendo virtuosamente.
A Física e a Lógica devem servir para que o homem se instrua para saber agir racionalmente. Aqui notamos a grande importância, que não só os estoicos, mas as escolas helenísticas de modo geral, deram à ética.
Os estoicos foram grandes críticos da escravidão: o senhor decide pelo escravo, e retomando a frase de Epicteto, restringe, força,

impede, e põe obstáculos à vontade do escravo. Ora, um escravo jamais poderá agir voluntariamente de acordo com a natureza nem se quisesse, pois só é livre para viver de acordo com a natureza aquele que tem autonomia em suas ações (a liberdade está ligada à ideia de autonomia da vontade), o próprio Epicteto foi um escravo e sabia disso.
Uma famosa passagem de Sêneca demonstra a visão dos estoicos sobre as paixões:

"É próprio de um espírito magnânimo e de um forte se manter firme e nunca ceder à paixão. Quanto às paixões, é dever do sábio eliminar algumas e moderar outras. Não há, porém, necessidade de eliminá-las completamente, porque não são vícios de nossa natureza, mas doenças. Pois nem os sábios nem os loucos têm paixões; os loucos não podem, enquanto os sábios não devem ser inflamados pelos impulsos da mente. Eles devem, porém, ter sentimentos, sem serem levados por eles. Que os sábios, por conseguinte, possuam sentidos, mas não paixões. Aquele que é ao mesmo tempo escravo e senhor de sua cólera, que, enquanto é dominado, é livre, que experimenta e padece os sentimentos, sem se submeter a eles, é, conforme penso, ao mesmo tempo homem e deus. (...)
E, assim, o sábio que existe é muito admirável e muito exaltado entre todos os homens."
Sêneca, "Da Ira", Livro III

CONCLUSÃO
O estoicismo difere das outras escolas helenísticas em relação ao meio para alcançar à imperturbabilidade da alma e qual o fim a ser buscado pelo homem.
Para os epicuristas, por exemplo, a busca dos prazeres moderados é que nos faz atingir a felicidade; nos céticos, isso está na epoché ou suspensão do juízo, enquanto nos cínicos está em viver de acordo com a physis, que é diferente dos valores que os homens colocam às coisas por pura convenção.
Os estoicos também discordaram das respostas dadas por alguns filósofos anteriores: por exemplo, os peripatéticos diziam que as paixões são, em si, moralmente neutras, não sendo nem um bem nem um mal, o que são consideradas bem ou mal, justas ou injustas são as ações, portanto, o correto é viver moderando as paixões, evitando os dois extremos contrários: o excesso e a falta, que é chamado pelos aristotélicos de meio termo: o virtuoso vive em harmonia com as paixões.
Ora, no estoicismo, como as paixões são uma espécie de doença da alma, não teria sentido moderar aquilo que é, em si, mal.
Hegel foi o principal crítico do estoicismo no mundo moderno. Claro que isso também reflete as discussões modernas em torno dos problemas éticos. Hegel criticou uma ética e uma razão fundadas na physis (natureza), sem uma discussão a respeito das instituições e das convenções e também da vida social, da vida em comunidade.
Além disso, a doutrina estoica diz que o homem deve aceitar os eventos com impassibilidade, simplesmente aceitando as adversidades e mantendo o uso da reta razão: não há nem mesmo, segundo Hegel, o afastamento da dor como um telos, ou seja, como um fim natural a ser buscado pelo sábio.

Nietzsche atacou a doutrina estoica das paixões, como nota Lebrun:

"Aos olhos de Nietzsche, a apatia estoica é um remédio cuja utilização é o sintoma da mais profunda fraqueza. Os estoicos, apesar das aparências, são os filósofos da vontade fraca, da vontade incapaz de enfrentar as perturbações da alma (...) mas porque partem da ideia de que é possível viver uma paixão sem ser totalmente dominado por ela, e porque são, antes de tudo, sensíveis ao perigo da paixão" (Lebrun 1987, p 23)

Nietzsche compreendeu a ideia estoica de que a felicidade está na ausência de paixões como uma vontade fraca, já que isso mostra uma sensibilidade ao enfrentamento das paixões.
Concluo o presente artigo com um interessante comentário de Bertrand Russel sobre Epicteto:

"Epicteto não se cansa de mostrar de que maneira deveríamos tratar o que consideramos infortúnios, o que faz, amiúde, por meio de diálogos caseiros. Com os cristãos, afirma que devíamos amar nossos inimigos. Em geral, em comum com outros estóicos, despreza o prazer, mas há uma espécie de felicidade que não se deve desprezar. "Atenas é bela. Sim,

mas a felicidade é mais bela — a libertação da paixão e da perturbação, a consciência de que nossos assuntos não dependem de ninguém" (p. 428).

(...) O mundo real, ao tempo de Epicteto, era muito inferior ao da Atenas de Péricles; mas o mal no que existia libertou suas aspirações, e seu mundo ideal é tão superior ao de Platão como seu mundo real é inferior à Atenas do V século". (Russell, 1957, p. 238-239)

Bertrand Russell oferece, nessa passagem, uma interpretação perspicaz da filosofia de Epicteto, destacando vários aspectos fundamentais de seus ensinamentos. Epicteto, conhecido por sua abordagem prática e acessível, utiliza diálogos simples para ilustrar como devemos enfrentar as adversidades da vida, tornando seus princípios aplicáveis ao dia a dia.

Russell observa que, para Epicteto e os estoicos, a verdadeira felicidade não reside em prazeres passageiros, mas sim na conquista de uma felicidade mais profunda e duradoura. Isso é alcançado pela libertação das paixões e perturbações emocionais, e pela compreensão de que nossa felicidade não deve depender de fatores externos.

Um dos aspectos mais notáveis da filosofia de Epicteto, conforme destacado por Russell, é sua postura em relação ao amor pelos inimigos, uma ideia radical que ressoa com os ensinamentos cristãos. Essa atitude exige um alto grau de compaixão e compreensão, desafiando o senso comum e promovendo uma visão mais ampla e inclusiva das relações humanas.

Epicteto também enfatiza a importância da liberdade interior como um componente essencial da felicidade genuína. Ao citar a beleza de Atenas em comparação com a liberdade de se libertar das amarras emocionais e externas, ele sublinha a centralidade do autodomínio e da independência emocional na busca da realização pessoal.

Para Russell, a vida é vista como um papel a ser desempenhado com dignidade e integridade, independentemente das circunstâncias externas. Essa visão reflete o conceito estoico de dever e responsabilidade, que transcende as barreiras sociais e econômicas para afirmar o valor intrínseco de cada indivíduo.

A simplicidade e a sinceridade dos escritos de Epicteto, preservados por seu aluno Ariano, também são elogiadas por Russell. Essa clareza torna sua filosofia atemporal e acessível, oferecendo orientações práticas e morais que continuam relevantes ao longo do tempo.

Epicteto não apenas propôs uma moralidade elevada e prática, mas também manifestou uma visão progressista ao defender a fraternidade universal e a igualdade, conceitos revolucionários em uma era marcada pela escravidão e desigualdades sociais.

Apesar de seu idealismo, Epicteto era consciente das limitações do mundo real, contrastando seu mundo ideal com a realidade muitas vezes adversa de sua época. Essa habilidade de transcender as circunstâncias difíceis e aspirar a um futuro melhor demonstra sua profunda sabedoria e visão otimista da vida.

Em suma, a análise de Bertrand Russell ressalta a relevância contínua da filosofia de Epicteto, que oferece insights valiosos sobre como enfrentar desafios, cultivar relacionamentos compassivos, buscar felicidade interior e viver uma vida de virtude. Sua habilidade de combinar pragmatismo com idealismo faz dele uma figura inspiradora e influente na história da filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EPICTETO (2012). Manual. Edição Bilíngue. Tradução do texto grego e notas Aldo Dinucci; Alfredo Julien. Texto e notas de Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.

LEBRUN, G. (1987). Os sentidos da paixão – Cap. O Conceito de paixão. Organização de Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras.

DIOGENES LAERCIO (2008). Vida e doutrina dos filósofos ilustres. Tradução do texto grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB.

RUSSELL, B. (1957). História da Filosofia Ocidental. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.